



O COMANDANTE DO ESPETÁCULO: RAMEZ TEBET RODEADO POR JORNALISTAS REAGIU COM RIGOR PARA EVITAR BAGUNÇA. "ISSO AQUI NÃO É SHOW DE CIRCO"

GERAÇÃO TV SENADO

João Luiz Marcondes

Da equipe do **Correio**

■ Senado Federal, 3 de maio. Nesta tarde, ter um corpo perfeito deixa de ser importante. A máquina de supino está às moscas, a esteira parada, a ergométrica não trabalha. "Aqui é emocionante", suspira a estudante de direito Sophia Gontijo, 18 anos. Tipo menina de comercial: loirinha, cara de anjo, olhos verdes e, sim, corpo perfeito. Faltou à academia para ver ACM, Arruda e, especialmente, a ídola Regina, em carne e osso.

Tarefa difícil, a segurança é firme. Só o pessoal de crachá. Até jornalista é barrado. Isabella Pantoja, mesma idade da amiga de Sophia, é espirituosa: decide "roubar" o microfone de um repórter e rumo em direção aos guardiães da porta mais cobiçada do país naquele momento. "Por que o povo não pode ver acareação?", dispara, posando de repórter. Ordens, claro. "Eles são representantes do povo", continua a cidadã. Com ordens, no entanto, não há o que discutir. Sinal fechado.

Como Sophia e Isabella, outros tentam, em vão, trespassar a barreira e derrubar a ditadura do crachá. Funcionários, estudantes, pessoas comuns. São movidos pelo mesmo motivo que levou o senador José Roberto Arruda ao Conselho: a curiosidade, por vezes mórbida. Irromper pelo corredor que

leva ao salão Alexandre Costa, sede da Comissão de Ética, significa passagem para outra dimensão.

Neste mundo, forrado de carpete salmon, onde respira-se, sem reclamar, fumaça de cigarro, pessoas se acotovelam sem cerimônia. "Olha a boiada", anuncia uma repórter francesa, com medo de ser pisoteada. É Antônio Carlos Magalhães adentrando a Augusta Casa. Andando em marcha ré, fotógrafos, cinegrafistas e iluminadores vão varrendo sem piedade o que tiver atrás. Vale tudo por uma imagem, uma palavra sem graça (algo tipo "estou tranqüilo"), um espirro, uma gota de suor escorrendo na testa de um parlamentar.

O presidente do Conselho de Ética, senador Ramez Tebet, bem que tenta evitar. "Isso aqui não é show de circo", anuncia. Impossível. Arruda, ACM, Simon, Suplicy e Regina são popstars. "Sem conversas paralelas, por favor", insiste, sem efeito, Tebet, num rasgo de bedel de colégio.

Diante da necessidade de respostas e perguntas serem proferidas a exaustão (parlamentar não fala, profere) quinze minutos de fama viram uma eternidade. É o caso dos garçons gêmeos Osmar e Osmair Henrique da Silva, de 43 anos, 20 deles trabalhando na Casa. "Todo mundo nos vê na televisão", exulta Osmair. O chapa Osmar dá a receita do que parece inatingível, obter a verdade dos

senadores. "Somos honestos com eles e eles são honestos com a gente", ensina.

Se o azul (do carpete e paredes) do Senado é glamour iluminado por câmeras de tevê, o verde da Câmara é melancolia. Quatro da tarde. Há sessão, mas os deputados presentes são contabilizados nos dedos da mão. Uma só. Ricardo Ferraz (PSDB-ES) discursa sobre a cafeicultura no Brasil, que está decaindo devido à concorrência de países como o Vietnã. "Brilhante", comenta Virgílio Guimarães (PT-MG), sobre as palavras do colega.

Entre bocejos, repórteres da Voz do Brasil, obrigados a ali ficarem, aconselham à reportagem do **Correio**. "Vá ao Senado que está tendo a acareação do ACM", diz um deles.

A acareação continua chamando a atenção. Do lado de fora, mais adolescentes tentam convencer seguranças. "Pela tevê é muito artificial, quero ver em carne e osso", suplica João Paulo Rosa, 16, estudante e vocalista de uma banda de rock. Ele conta que, em sua casa, na quadra 28 do Lago Sul, costumava pegar, entre chiados, a MTV (canal de clipes de música) na tevê aberta. Um belo dia o sinal da emissora teen foi substituído pelo da TV Senado. "No começo achei ruim, mas, na realidade, é muito melhor", constata. Quem diria, na capital da República, o que já foi Geração Coca-Cola, foi pasteurizado para Geração MTV, agora se transforma em Geração TV Senado.